

7

112, 18
50

NO FAUSTO DIA NATALICIO
DO SERENISSIMO SENHOR

D. PEDRO,
PRINCIPE DA BEIRA.

Dando o Senado de Lisboa hum sumptuoso Ban-
quete, e pomposo Baile ás Triunfantes Tro-
pas Lusitanas, Titulos, e Nobreza.

DITHYRAMBO.

OFFERECIDO

AO MESMO AUGUSTO SENHOR

POR

JOÃO ANTONIO NEVES ESTRELLA.



LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1814.

Com Licença.

„ . . . Per audaces nova dithyrambos
„ Verba devolvit. „

Horat. Lib. IV. Od. II.

„ In verbis etiam tenuis, . . .
. . . Licuit, semperque licebit . . .

*Musa dedit fidibus Divos, puerosque Deorum
Et pugilem victorem & equum certamine primum,
Et juvenum, curas, & libera vina referre.*

Horat. in Poëtic.

51
AO SERENISSIMO SENHOR

D. PEDRO,

PRINCIPE DA BEIRA.

SONETO.

PROLE de Affonso Henrique aos Lusos dada;
Se hum Povo, que em victorias não contente
De Neptuno pizando o azul tridente
Jugo pôs a Nações de côr torrada :

Se a fogo, e a golpes de Mavorcia Espada
Calca troféos, de louros cinge a frente;
Derrota o Corso, e ao vasto Continente
Exemplo erige em Lysia restaurada :

Se deo a Paz á Europa, a C'roa á França,
Voltando á Patria, de hum tal Feito, e Gloria,
Exulta Lysia em plácida Bonança :

Seja o Vosso Natal, Viva Memoria
De taes Feitos; e Vós, Nossa Esperança,
Adorno ao Luso Throno, e á Lusa Historia.

AO EXCELLENTE SENHOR

D. PEDRO,

PRINCEPE DA BEIRA.

SONHETO.

P
sora de Affonso Henrique nos Lusos d'ella;
Se hũa fôr, que em xistões não conste
De Nupcias piazas e gual tizende
Logo pôs a Nupcias de cor tortada;

Se a fôr, e a fôr, de m'averia fôr
L'as m'averias de l'as m'averias fôr;
L'as m'averias de l'as m'averias fôr;
Exemplo surge em l'as m'averias fôr;

Se dos a Paz à Marqza, a Cruz à França,
Yonand, à Paris, de hũa tal feito, e Gloria,
Existe l'as m'averias fôr;

Seis o Voto Natal, Vira Menor,
L'as m'averias fôr, e l'as m'averias fôr,
Adorno ao Lus Throno, e a Lus Hæra.

A GLORIA DOS LUSOS.

DITHYRAMBO.

LUCIDO Dia,
 Que aos Lusos traz
 Júbilo, gloria
 Plácida Paz!
 Fique em Memoria
 Quanto nos dás.
 De Affonso Estirpe,
 O Fructo, o Abono
 Que o Luso Throno
 Ha de occupar;
 Tranquillo o Sceptro
 Ha de empunhar!
 Presta-me o Nectar
 Doce Lyéo!
 Orna-me a Lyra

Grão Bassaréo
 Alsa meu Canto
 Bacchico ao Ceo!

Dos rubidos racimos pampinosos
 Que doce mago filtro me embriaga!...
 Como fazes Lyéo, teu gaz me eleve
 Sobre o fulgente aligero Pégaso!...
 Como da terra fôge ao longe o vulto!...
 Eis o Reino da Luz! O eterno dia!...
 Onde os límpidos Orbés,
 Onde os Planetas coruscantes girão!...
 Os Turbilhões em redemoinhos zúnem!...
 Dos Deoses, esta a lúcida Morada!...
 De Jóve a Corte, a ethéria mole immensa!
 De Fébo trilha o fulgurante Côche

C'os rapidos Ethontes,
 Com prizões diamantinas
 Por siderias Campinas;
 Pulando
 Fumando
 Sulcando o fulgor,
 Nos Pólos retumba,
 Trepida, rebumba
 Quadriga estridor!
 Envolto e os Vivas
 Do Laso louvor!...

Fulmipotente Jóve! eis aureo Plaustro
 Puxão possantes, corpollentas Aves!
 Do povo aládo as rapidas Príncezas,

Que nas garras occultão
Armas, que estrago, e espanto
Morte resultão!

Na dextra a lança, e na sinistra empunhas
O trisulco motor do horrido estrondo;
Vulcaneo invento, tripartida chamma,
Com que a Saturno destronou no Olympo,
E a Prole de Tytan no Ethna subjugas!...
Tambem os Lusos, Jupiter, te imitão!...

Muralhas abálão
Castellos estálão
Quaes Furias
Injurias
Vingando-se tállão:
Os Córnicos rallão
C'o Marcio furor,
Trovejão
Dardejão
Nitroso fragor!...

Eis de Délio a laurígera Espessura
Perenne Capitólio
De Excelsos Grandes Vates,
Onde residem da Memoria as Filhas!...
Alado Bruto
Repousa o vòo;
As pandas plumas
Rápido encolhe.
Meu Estro rude,
Meus sêcos labios
Limfa dos sabios
Cumpre que mólhe!

Seus Dons, o Nume

Me dá; não tolhe!...

D'inclitos Lusos

Bellica Glória

Célebre Historia

Canta Lenêo!

Eis quem as Hóstes

Gállias venceu;

Córsicos ferros,

Jugo rompeu!

Líba-me a Táça

Mago Lyêo!...

De lúcidas columnas circumdado

Eis do Destino, e da Memoria o Templo!...

Da Illustre Gloria Monumento eterno!...

Iman que attrahe; estímulo que excita

Heroicas Almas, a Heroicos Feitos;

Do Mérito, Virtude, da Honra o Premio!...

Sobre Altares, milhões de rutilantes

Vultos que scintilantes

Triunfantes

Derão honrôsa illustre fama ao Téjo

A quem respeita o Mundo, o Tempo, o Fádo!...

Em auri-rosio diamantino Throno

Sentada eis vejo, eis vejo!

A Lusa Monarquia

Dictando Leis ao Nylo, Hydaspe, ao Ganges.

D'Aurora ao Reino: Do povoado Mundo

Tributárias Nações a frente inclinão!...

Salve sagrada Estirpe á Lusa Próle!...

Recebe , acceita ,
 Dos fortes Lusos
 Recente Gloria
 Que nunca vira
 Do Mundo a Historia! . . .

Exulta fertil Mãi de Heroicos Peitos! . . .
 Eis os Valentes denodados Lusos ,
 Que a fogo , e a golpes de Mavorcia Espada
 Destróção Galias Hostes

Rompem do jugo os vergonhosos ferros ;
 Calcão do Corso as famulentas Aguias ,
 Com pezo immenso dos troféos curvados ,
 Com jubilo , e prazer á Patria voltão
 Deixando dos Bourbons tranquillo o Throno! . .

Eis os Valentes Campiões , que derão
 A Paz á Iberia , á França , á Európa , ao Mundo!
 Eis o exemplo em Lysia restaurada ,
 Que a Alexandre pungio á Heroica inveja ,
 E convocando o vasto Continente

Em Moscow em Leipsick a Força Unida
 Destróe do Corso Exercitos , que avultão! . . .
 Exulta oh Lysia , oh Mãi ! recebe oh Patria !
 Os de Bellona , e de Mavorte Alumnos! . . .
 Alumnos disse! . . . Equivoquei-me , oh Numes ;
 Assombro , e Pasma de Bellona , e Marte!

Eis quem meréce as honras do Triunfo ,
 Não só em *Vivas , Palmas , Bailes , Brindes* ,
 Em Arcos , em Pyramides , que ao Mundo
 São de hum tal Feito Monumento eterno.
 Se os Nunos , os Almeidas , Albuquerquees ,
 Os Pachecos Peçeiros , Castro forte ,
 E outros que zombão do poder da Morte
 Conquistarão Nações do vasto Mundo ;

Salvar a Patria do tyranno jugo
 Calcar do Corso aguerridas Cohortes
 Escalar Torres , perseguir Falanges
 Até ao centro da Bronzinea França
 He Feito digno de mais Gloria , e Premio! . . .

Eis quem as Hostes

Gállias venceo

Rigido a golpes

Jugo rompêo

Dá-me teu Filtro

Mágo Lyêo ! . . .

Eis quem foi de Jounot , Loison , Macena ,
 De Sout , Marmont , e d'outros prompto estrago
 De cujo inda recentes os louvores
 Das brávas Hóstes dos *Britanos-Lusos*
 Da Grão Victoria nos Vimeiros Campos
 „ *Viva o Principe Luso* „ O Ceo rebumba
 Dos Vigas o fragor , o écco retumba ! . . .
 „ *Viva , Jorge* , que undivagas Cidades

Montanhas volantes

Possantes

Prestantes

Com Bellicas Tropas ,

Que aos Lusos se ligã

Intrigão

Impávidas brigão

Com Marcio furor

Cohortes rompêrão

Do Corso Traidor !

Que ao fuzilar do estrepitoso Nitro

Dos Cávos Bronzes vomitando raios
 D'horridas Bombas retumbando o estrondo ;
 Por entre nuvens de enrolado fumo
 Envolto em Gálias ávidas entranhas
 Exangues braços , palpitantes vultos
 Que tolda a Esphera , a Fébea luz occulta ,
 Ao som horrível dos trovões de Marte ,
 „ *Viva o Principe Luso* „ O Orbe trôa ! . . .
 Eis dos Corsos terror ; o Estrago , a Morte ! . .
 Quem dos Gallos Legiões mandou a Pluto ! . . .
 Eis os *Vivas* troando em Albuhera !
 Em Rodrigo , no Douro , em Salamanca
 Em Badajoz ! Em Lysia , Ibéria , em França !
 Qual o Eléctrico invento fulminante
 Veloz sacode igníferas sentelhas ;
 A Grão Victoria da immortal Vimeiro
 Communica-se á Iberia , á Europa , ao Mundo !
 Dos vivas o fragor o écco trôa !

Em toda a parte
 Os Lusos Peitos
 Hum só que seja
 Déstro em peleja
 Troveja
 Dardeja
 Qual Jóve
 Qual Marte !
 Bêllicos , hórridos
 Ríspidos , rábidos
 Rígidos , Inclytos
 Guerrêão
 Golpêão
 Cohórtes
 Fallanges

Do Corso Traidor :

Que tímidas

Pávidas

Languidas

Túrbidas

Trémulas fogem

Qual rápido Assôr!

Eis correm! . . .

Eis morrem

Em Fuentes d'Honor! . . .

Darreja

Troveja

O Luso fragor! . . .

Ao trepidante convulsivo estrondo

Que em concavas abobadas retumba

Pelos celestes lúcidos Palacios

Illustre emulação, gloriosa audacia

Excita em vivos luminosos vultos! . . .

Juntão-se Heroes com fúlgidos Diademas,

(Prôle dos Deoses que na Historia avultão!)

Por ver a Lusa Gloria! . . .

Rouca trémula voz dizer se escuta! . . .

„ Remidores sois vós do Luso Throno,

„ Povo Heroico, d'Henrique á Prole dado

„ Pelo Numen Eterno

„ Nas Ouriqueas Campinas,

„ Que em victorias immensas não contente

„ De Neptuno pizando undosos Campos

„ O jugo pôz a mil Nações longevas.

„ Terror dos Gallos soes; da Europa Numes.

„ Emmudeça o Romana, a Grega Historia!

„ Dignos soes de mais Gloria!
 „ A vós se erija hum Templo
 „ Onde fiqueis exemplo
 „ Aos tardos Póvos dos futuros E'vos
 „ Cingindo a Frente
 „ De Laurea Rama
 „ De Gente , em Gente
 „ Por bocas cento do Clarim dourado
 „ Eterno sôe o brado
 „ Da Lusa alegria
 „ Venere-se o Dia ,
 „ Triunfo , e victoria
 „ Que fez transitoria
 „ Do Corso a traição
 „ Nos Fastos futuros
 „ Opacos escuros
 „ O Mundo vos veja ,
 „ Não tendes de Heytores ,
 „ De Achilles inveja ;
 „ O Stema arvorando
 „ No Luso Pendão
 „ Espada empunhando
 „ A C'róa pizando
 „ De Napoleão !
 „ Remidores sois vós da Patria , e Throno “
 Eis quem as Hóstes
 Galias venceu
 Rigido a golpes
 Jujo rompêo
 Dá-me teu Filtro
 Mágo Lyéo ! . . .

Se o Luso Imperio
 Lysias ergueo
 He Lusa Prole.
 Estirpe Lyéo !
 Vivão os Lusos
 Grão Bassaréo ! . . .

As Nereides , e as Tagides mimosas
 Já precedem a Thetis , e Amphitrite ! . . .
 As Dryades , Oreades , Napêas
 Hamadryades , Naydes ; mil Corêas
 Vem diante da Deosa casta , e linda ,
 Que punio de Aristêo o incauto filho
 Porque a vira banhar na limfa pura ,
 (E não se lembra Cinthia , que descia
 Pela alta noite do argentino Carro ,
 E furtivos prazeres desfructava
 De Endimião formoso em somno eterno !)
 Da Cypria Deosa a Concha , nivas Pombas
 Puxão ; e Amor com Esquadrões d'Amores
 No Sallão destinado ; Illustre Baille
 C'o as meigas Ninfas enlaçando os Lusos
 Ternos requebros , Arcos , Alamandras ,
 Mágicas , Balsas ! . . . (Eloquencia muda
 Que terno , e meigo torna , o torvo Marte)
 Cruzão , quaes frechas pelo ar , suspiros ! . . .
 E ao som dos attractivos instrumentos
 Dos Musicos accents
 Com que Orpheo , e Amphião tudo encantavão
 (Que ao som da vóz , e Lyra
 De Pluto os Males na Região cessarão
 De Thebas a Cidade se erigira ;)
 Sórvem-se doces congollados fructos ,
 Suavissimos licores ,

Néctar que o mesmo Jóve líba , e gosta !

De Thetis , e Pelêo nas faustas Nupcias
Não fôra tão pomposo , o Brinde , o Baile ,
Qual aos Lusos off'rece a Patria , o Throno !
Não rolles , não , Discordia , e aureo pômo ,
Suspeito , sim , que Venus preterida

Ficára no Monte Ida
Se Páris avistára
Das Tágides formosás
O Divinal semblantê ;
Então rendido Amante

Hum pômo , não , mil pômos , lhe entregára !

As Bassareides Nymfas , adornadas
As frentes , com racimos pampinosos
Co'as Taças cheias do licôr sanguineo
Fôrma festivo côro , salta , e grita ! . . .

De oppiparos Manjares opprimidas
Immensas lautas Mezas d'outro lado
Do expleudido Banquete se divisão
Onde tostadas victimas fumando

Em profusa abundancia
São fragrante lisonja dos sentidos . . .

Do Estro altiloco a Forja accende o Nume

Na Appolinia Bigorna
Os Delficos martélos retinindo ;
Pelas concavas gruttas do Permêso

- Eccos respondem
- Mélicos Hymnos
- Pindáricos
- Saphycos
- Epicos
- Bácchicos

Que as Pierides, urdem, técem, ligão
Sonoras !

Appóllo entôa, e fere Aonia Lyra,
E doce encanto nos Heróes inspira
O Mago filtro do immortal idioma;

Que aos futuros assôma;

Linguagem perenne

De Heroicos Feitos;

Invicta Gloria

Dos Lusos Peitos;

Que o Muudo, e a sorte

Hão respeitar :

Viva Memoria

Eterno Grito

Que nem o Fado.

Saturno annoso

Nem Tempo iroso

Podem tragar !

Eis a Celeste Côrte unida aos Lusos !

Os vitrios aureos côpos empunhando

Libando o Nectar que Lyéo faculta

De mil côres, sabor, encanto, e luxo

Que o Lauto Brinde adorna

Ao som da Mâga orchestra

Que as Almas arrebatã

„Viva o Principe Luso (os côpos sôão)

„Viva do Throno Luso a Estirpe e a Próle,

„Viva a Lusa Regencia em Paz eterna !

„Vivão Lusos que a Patria libertárão !

„Viva Lysia da Ibéria, e Europa Exemplo !

„Viva Jorge, e as Nações ao Luso unidas ! ... „

De mil vozes o alegre „Viva,, „Viva,,
Pelos immersos Orbes sóa , e trôa ! . . .

Eis , quem as Hostes
Gallias vencem
Rigido a Golpes
Jugo rompeo !
Liba-me a Taça
Mágo Lyéo !

C'o a polvora , que atacas nas Botelhas
Em fulgidas sentelhas
Bácchicos tiros c'o as rangentes rolhas
Salta o licôr em Bolhas ? . . .

Férvido espuma , Calices trasborda
O Madido elixir , o Nectar doce ! . . .
Eis de Mavorte os fulminantes Bronzes
Salva Real tres vezes repetindo ;
E os cópos retinindo ;
A' lucida Assembléa

Grita Lyéo „A l'Arma , a l'Arma , aos Vivas
„Do Principe ao Dia.
„Dos Lusos á Gloria
„Perpétua Memoria
„Perenne alegria
„Nos Fástos da Historia
„Lhe vamos gravar ! . . .
„A l'Arma ; crepíte
„O Nectar nas Taças
„No aurico Téjo
„Predure o Festejo
„Cupidos, e Graças
„As Nymfas, os Numes
„Esparzão perfumes
„Nos orbes, na terra

„Os Numes da Guerra
 „No Olympo, no Mar
 „Os Hymnos
 „Divinos
 „Do Luso louvor ;
 „Rebumbem
 „Retumbem
 C'o Marcio fragor.

F I M.